



ENTRE ESPELHOS E MÁSCARAS: REFLEXOS DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA MACHADIANA.

Manoela Falcon Gallotti ¹

RESUMO

Este artigo se propõe a problematizar a forma como a crítica literária investiu na construção da imagem do escritor Machado de Assis em relação a sua etnia e aos aspectos analíticos de suas obras no que concerne às questões que envolvem as problemáticas voltadas para os negros na sociedade do século XIX. A pesquisa busca avaliar a forma como o ensino da literatura brasileira nas escolas e universidades tem discutido estas questões e qual o nível de permanência ou ressignificação das práticas preconceituosas e escamoteadoras da disseminação da literatura de escritores negros e das temáticas que envolvem o processo de formação da identidade negra. Os referenciais teóricos fazem parte da pesquisa bibliográfica realizada sobre parte da crítica literária e biográfica de estudos voltados para a escrita machadiana, e de observações de fatos ocorridos no País na ocasião da comemoração dos 180 anos do escritor. A crítica de teóricos da literatura, semiologia e cultura como WERNEK (1996), CANDIDO (1985), BOSI (1992), BHABHA (1998), FANON (1983) e BARTHES (1987) mapeiam os pontos de fuga para a elaboração de outros olhares e novas práticas em relação aos textos escritos por Machado de Assis, na tentativa de apontar novos caminhos para o ensino da literatura, ao considerar a relevância e significação dos textos machadianos que retratam a sociedade preconceituosa e racista de sua época, mas que, não por acaso, sobrevive aos nossos dias.

Palavras-chave: Escritores negros, Ensino de literatura e preconceito racial.

INTRODUÇÃO

A crítica literária produzida no século XIX destaca a importância do escritor Machado de Assis enquanto sensível conhecedor da personalidade humana, que tinha predileção pela análise psicológica e imprimia certa ironia e pessimismo em suas obras, as quais desmascaravam as aparências produzidas pela burguesia do século XIX.

Ao evidenciar a sátira feita à sociedade da época através dos seus romances e contos, os críticos contemporâneos de Machado muitas vezes não citam o cronista que

¹ Professora Dra^a (Literatura e Cultura - UFBA) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe - IFS, manoela.gallotti@ifs.edu.br.



criticava duramente o regime escravocrata. Quando se refere à sua “mulatez”, parece imprimir ao sujeito a mesma rejeição racial cultivada pelo positivismo e darwinismo da época. Punem Machado de Assis por ter se dedicado muito pouco à temática relativa ao negro, entretanto não trazem à tona os textos em que o escritor retrata criticamente a situação do negro e o jogo de poder que estava implícito nas relações sociais pré-estabelecidas.

Este artigo se propõe a problematizar a forma como a crítica literária construiu e perpetuou a condição de embranquecimento do autor na nossa literatura e como o espaço educacional tem discutido essas questões. Existe a permanência dessa condição de embranquecimento no ensino de literatura? A reafirmação de determinados estigmas ainda é mantida e diretamente associada ao escritor Machado de Assis? A sua origem de matriz africana está sendo reconhecida e ressignificada?

Nas salas de aulas, sejam elas das Escolas de Ensino Médio ou das Universidades, predominam as indicações das obras dos romances considerados da fase de maturidade do autor, a citar, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro”, “Memorial de Aires”, “Quincas Borba”, “Esaú e Jacó”, são esses os escritos machadianos mais estudados e lidos nas salas de aulas, textos que carregam o potencial de desnudar a paisagem das cidades e das personagens psicologizadas, antes mesmo do surgimento da psicologia enquanto ciência. O escritor, que tem a sua extensa obra composta por dez romances, duzentos contos, dez peças teatrais, cinco coletâneas de poemas e sonetos e mais de seiscentas crônicas, embora tenha escrito em praticamente todos os gêneros, teve a concentração dos estudos por parte dos críticos em apenas alguns dos seus romances.

O estranhamento surge quando não vemos os mesmos espaços sendo criados para a divulgação de seus contos e crônicas, que carregam em si a potencialidade literária tão intensa quanto a traduzida pelos romances da maturidade. Num tempo e contexto que deveriam divergir do período da obra escrita pelo autor, ainda percebemos as dificuldades em conseguir fazer emergir os textos escamoteados por vontade da intelectualidade e da elite do século XIX . Ao torná-los encadernados nas páginas das obras completas, alguns editores contribuíram para a permanência do que consideramos ser a tentativa de “embranquecimento” da literatura brasileira.



O que ocorre constantemente é a reafirmação do mito em Machado, um mito que não está associado somente a este escritor, Cruz e Souza também foi “marcado” por ele: “O poeta negro de alma branca”. Existindo um grande investimento em associar todo o pessimismo destes autores à sua existência enquanto negro. Já a ironia e a inteligência machadiana geralmente encontram-se justificadas pelo meio cultural e intelectual freqüentado pelo escritor (que fazia uso do pó-de-arroz para mascarar a sua negritude). A crítica literária do século XIX, contribuiu para que a construção da imagem do escritor fosse projetada pelo olhar elitista, burguês e sobretudo racista. As fotografias associadas ao escritor Machado de Assis sempre foram carregadas de pó-de-arroz, aproximando a negritude da pele à desfaçatez da máscara branca que traduzia a hipocrisia social de não reconhecimento da intelectualidade e genialidade do escritor negro, neto de africanos alforriados e filho de pais pardos, traços étnicos confirmados pelas últimas fotografias do escritor antes de sua morte. Este registro fotográfico faz parte integrante de um movimento denominado “Machado de Assis Real”, uma ação promovida pela Faculdade Zumbi dos Palmares, que tem buscado oportunizar à sociedade a condição de retratação do que foi feito com a imagem do escritor, contrapondo-se aos processos de tentativas de embranquecimento do maior escritor da literatura brasileira, de uma literatura construída por escritores negros.

REFERENCIAL TEÓRICO

A crítica literária do século XIX não poupou ao escritor Machado de Assis desagravos e associações perversas na tentativa de desqualificação dos seus escritos. O crítico e historiador da literatura Sílvio Romero (1851-1914), como lembra-nos Antonio Candido, manteve por um bom tempo uma grande má- vontade para com a obra do escritor, chegando a associar o estilo da sua escrita, por suas repetições, a uma disfunção patológica de quem padecia “de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem”. Essa crítica perversa produzida com o cunho do Naturalismo e sociologismo do século XIX, que buscava a todo custo a associação do negro à desqualificação intelectual e outros tipos de condicionamentos inferiorizados, foi tratada com muito afinco pelo crítico literário Antônio Cândido em sua tese “Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero”,



na ocasião do concurso para o título de livre-docência da cadeira de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Antônio Cândido destaca o papel da crítica literária salientando que a interioridade do texto é de fato a sua dominante, e contrapondo-se a um exercício da crítica voltado para a inferiorização do escritor por condições externas ao texto.

Ainda hoje temos dificuldades em disseminar os textos machadianos que traduzem as denúncias e críticas aos preconceitos vivenciados pelos homens e mulheres negras daquele século. A condição de repensar a disseminação da literatura machadiana em nossos dias precisa ser reavaliada à luz de seus textos e da crítica que viabilize a existência e permanência da afirmação de um escritor negro que trouxe para o seu tempo os sintomas sociais vividos, como nos retrata no conto “Pai contra mãe”. A narrativa da condição miserável e cruel da escrava grávida fugida, entrelaça-se com a história de um pai pobre (Cândido Neves) que tinha que salvar a vida do filho, sendo cooptado pelo sistema a entregar uma mãe negra (Armina) ao senhor dono de escravos. Em troca, Cândido Neves receberia o dinheiro para alimentar o próprio filho, que se encontrava na mão de um desconhecido, e que após o episódio, estaria a salvo de ir parar na orfandade. A última frase do conto, dita por Cândido Neves, “nem todas as crianças vingam”, traz à tona a realidade que vivemos diante das desigualdades sociais e raciais no Brasil, em que de fato, nem todas as crianças vingam, ou quando vingam, dependendo da cor da pele, se deparam com a probabilidade de ter a vida ceifada nas esquinas, becos ou portas de suas casas e escolas, numa proporção bem maior do que as crianças consideradas brancas.

Dilacerando as feridas sociais existentes e marcadas pelo contexto de pobreza e relação de classe, gênero e etnia que se perpetuam em nossa sociedade. Machado de Assis começa o conto “Pai contra mãe”, retratando aspectos observados pelo autor no que diz respeito a co-existência da escravidão,

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam



com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras (ASSIS, *Obra completa*, vol. II, p. 659-667).

Ao iniciar o conto, já temos as alusões às práticas sociais cruelmente desenvolvidas e “grotescamente” justificadas, para usar o mesmo termo referenciado pelo autor no conto. As máscaras sociais que metaforicamente o autor informa que não iremos cuidar, são expostas na narrativa, assim como as usadas pela crítica que o acusou/acusa em relação ao distanciamento das temáticas voltadas para as questões dos negros. Em “O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias, Maria Helena Wernek também traz à tona essa prática estabelecida por diversos biógrafos do autor. A pesquisadora disseca as biografias que encadernam Machado, que aprisionam o autor, na mesma medida em que possibilita a ressignificação do lugar desse autor para nós mesmos. A pesquisadora, ao investir nas possibilidades de fugas, ao inventariar a herança, ao formar outros arquivos e ao contrapor-se ao método que flertava com a eugenia da época, revida às escritas tortas que foram tecidas de forma enviesada por biógrafos do autor. Como podemos verificar nas observações feitas pela pesquisadora em relação aos escritos da biógrafa Lúcia Miguel Pereira,

(...) Etapas da vida do biografado documentadas de forma tão frágil, na década de 30, que abrem espaço para a imaginação da romancista atuar com mais desenvoltura.

Assim, aos poucos, no capítulo II, a face do grande romancista se transforma no seu avesso: a do “molequinho tratado com carinho, afilhado de viúva rica, seu protegido” e criado na velha quinta do Livramento. O registro de biógrafa compenetrada de suas obrigações fica assegurado, desta vez, pela adoção da hipótese fornecida pela linha dos estudos eugênicos que analisa as decorrências da herança genética na doença mental, mas o bom gosto da romancista retira a informação sobre os “antecedentes mórbidos” apresentados pela família de Machado de Assis do corpo do texto, colocando-o num extenso, porém descartável pé-de-página (WERNEK, 1996, p. 132).



É preciso estabelecer o exercício da crítica voltado para a condição de produção dos textos, problematizar o lugar de fala do maior escritor negro brasileiro do século XIX, expor os falseamentos da crítica tecida em relação a uma desvinculação aos temas ligados diretamente às questões raciais de sua época, apresentar a imagem vinculada ao seu tom de pele, assim como as repercussões da retomada da sua imagem real estampada em livros didáticos e capas de livros de romances, como o recente livro histórico-ficcional “O homem que odiava Machado de Assis”, do escritor José de Almeida Junior, lançado em 2019. São esses movimentos de ressignificação, que possibilitarão à literatura uma desvinculação das práticas que escamoteiam os textos e os autores em nome de uma cultura elitista e preconceituosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Recentemente, na ocasião dos 180 anos do escritor Machado de Assis, foi promovida pela Faculdade Zumbi dos Palmares, uma ação denominada “Machado de Assis Real”, trata-se de um movimento afirmativo que se propunha a tratar daquilo que os ativistas denominaram como “a primeira errata para se corrigir o racismo na literatura brasileira”. O site da campanha disponibilizou a nova imagem da fotografia dos últimos anos do escritor em diversos formatos para que o público pudesse substituir pelas encontradas em livros antigos, contracapas de romances e livros didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Ao lutar contra o embranquecimento dos escritores brasileiros negros, o movimento afirmou ser uma maneira escolhida para encorajar o surgimento de novos escritores negros e ainda “dar a chance da sociedade se retratar com o maior autor do Brasil”.

No site, a página promovida pelo movimento também coloca em ação a disseminação de um abaixo-assinado na tentativa de que sejam conseguidas assinaturas suficientes para que as editoras e livrarias deixem de imprimir, publicar e comercializar livros em que a imagem do escritor esteja vinculada à caricatura da máscara branca, para que as fotografias nas quais o escritor aparece embranquecido sejam substituídas pela imagem da foto de “Machado de Assis real”. Na íntegra do texto da nota de divulgação da campanha fica explícito o caráter de ressignificação e reparação para a sociedade e para a literatura brasileira, na qual a representatividade tem se mostrado pilar essencial para a construção e fortalecimento da formação dos sujeitos em diferença.



Machado de Assis. O maior nome da história da literatura brasileira. Jornalista, contista, cronista, romancista, poeta, teatrólogo. E o que poucos sabem: negro. O racismo no Brasil escondeu quem ele era por séculos.

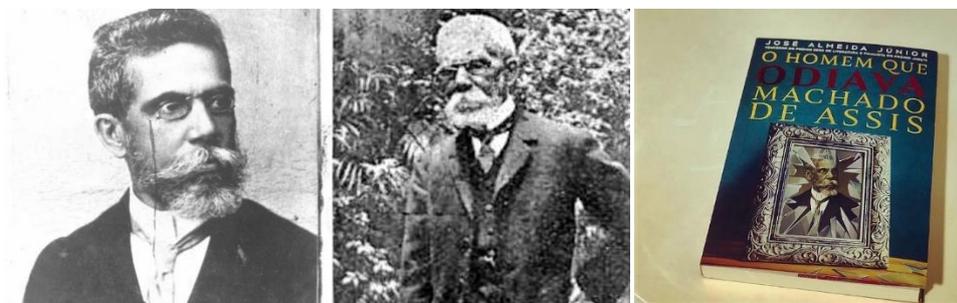
Sua foto oficial, reproduzida até hoje, muda a cor da sua pele, distorce seus traços e rejeita sua verdadeira origem. Machado de Assis foi embranquecido para ser reconhecido. Infelizmente.

Um absurdo que mancha a história do país. Uma injustiça que fere a comunidade negra. Já passou da hora de esse erro ser corrigido. No mês do Dia Mundial do Livro e do Direito do Autor, finalmente, será. Uma foto do Machado de Assis real está disponível aqui no site, para ser colada sobre a foto antiga, preconceituosa.

Uma errata histórica feita para impedir que o racismo na literatura seja perpetuado. Para encorajar novos escritores negros. Para dar a chance de a sociedade se retratar com o maior autor do Brasil. E para que todas as gerações reconheçam a pessoa genial e negra que ele foi.

Que cada estante deste país possa ter um livro de Machado de Assis corrigido. A história agradece (Nota do site).

Ao compararmos as fotografias veiculadas e disseminadas na maior parte dos livros didáticos e paradidáticos, a imagem que costumamos ver nas capas, contracapas e páginas remetem à cultura do embranquecimento do autor.



À esquerda foto que costuma ser vinculada aos livros impressos e expõe a imagem do embranquecimento do escritor, à direita a foto que retrata os traços e a cor da pele do escritor.

Vagner Amaro, um dos fundadores da Editora Malê, do Rio de Janeiro, editora que prioriza a edição de publicações de escritores negros e negras brasileiros, em entrevista concedida ao site da campanha, informa a importância da ação para que a comunidade negra se veja representada pelo grande escritor negro, para o editor “É como se você estivesse resgatando o verdadeiro Machado de Assis e o entregando para a população brasileira – principalmente para a população negra brasileira.”, a importância



da ação é significativa para estimular a visibilidade e fomentar o surgimento de novos escritores negros e escritoras negras.

No ano passado, a publicação do romance histórico-ficcional “O homem que odiava Machado de Assis”, do escritor José Almeida Júnior (2019), trouxe em sua capa a imagem real de Machado de Assis, sendo o primeiro romance brasileiro a ter em sua capa a imagem restaurada do escritor, como temos ilustrada na imagem acima.

As novas investidas das editoras e o trabalho que pode ser desenvolvido nas salas de aulas, serão fundamentais para que a educação brasileira ressignifique o lugar dos autores e pesquisadores negros, os novos agenciamentos e formas de mobilizações dentro da resistência e da luta precisam emergir para enfrentar as condições adversas nas quais as nossas crianças e jovens estão expostos, imprescindível apontar para a defesa de posturas anti-racistas e anti-preconceituosas nos espaços de formação do conhecimento. Atentar para o que estamos reproduzindo a partir das leituras e imagens veiculadas pela mídia e pelos livros é uma das formas de iniciarmos essas transformações em nossas salas de aulas.

Por isso a importância de trazer para a ordem do dia a análise sobre alguns contos e crônicas machadianas que possibilitam a verificação da presença de um Machado que inúmeras vezes carnavaliza as tentativas do apagamento da escravidão pela classe dominante, e que ao mesmo tempo que veste a fantasia produzida por ela quando não consegue se desemaranhar das cruéis investidas ideológicas desta classe. É notória a representação do escritor através do mascaramento proporcionado pelo pó-de-arroz, máscara tão grotesca quanto a sociedade que costumava satirizar.

A figura de Machado pode ser considerada a típica ambivalência da identificação racial do século XIX, na qual é projetada a grande incerteza psíquica da própria relação colonial em que suas representações são fendidas no palco da divisão entre corpo e alma, encenando o artifício da identidade como a divisão que atravessa a frágil pele: negra e branca. O processo de identificação experimentado por este autor do século XIX foi fruto de um discurso do colonialismo marcado através da fixidez como signo da diferença cultural, histórica, racial, que carrega paradoxalmente o sentido de rigidez e ordem imutável, mas também desordem, degeneração e repetição demoníaca.



A repetição demoníaca da diferença racial pode ser percebida na literatura negra que antecede o século XX pela representação do mito de Cam. Mito que representa a própria pressão negra sofrida nos séculos antecessores. Assim como o mito de Cam, toda a história que nos remete ao negro se vê rodeada de mitologia, retomando o conceito de mitologia e de mito considerados por Roland Barthes (1987), não como a representação do possível real ou imaginário, mas como investimento de falsos valores sendo produzidos para escamotear e diluir o ser mitificado.

Um dos mitos investidos pela crítica literária da sociedade brasileira da época era endereçado para os escritores negros que se destacaram de tal forma que ficava praticamente impossível deixá-los à margem do cânone literário. Uma vez constatada essa impossibilidade, trataram imediatamente de construir a imagem de escritores negros como “autênticos” possuidores de almas brancas, daqueles que tinham desprezo pela sua raça ou origem. Escritores negros como Machado de Assis e Cruz e Souza sofreram na pele esses investimentos, que de certa forma se perpetuam até os dias atuais. É comum a abordagem feita pelos livros didáticos que se referem a Cruz e Souza como o poeta negro de alma branca, associando ainda a preferência deste pelas formas que remetem à cor branca como recurso de negação à sua negritude.

É certo que a investida de todo mito culmina com a produção do estereótipo, principal estratégia discursiva construída pelo conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre fixo, já conhecido, e o que deve ser constantemente repetido. Se analisarmos a construção do estereótipo, podemos levantar o questionamento das posições dogmáticas e moralistas diante do significado da opressão e da discriminação que permeiam a formação da figura do escritor negro e da mascarada identificação de uma literatura negra brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deslocando o olhar para o reconhecimento dos textos machadianos como imagens positivas ou negativas, buscamos compreender os processos de subjetivação realizados (ainda que implicitamente) através do discurso estereotipado, visando compreender a produtividade do poder colonial e a construção do seu regime de verdade.



Cientes de que o regime de verdade do discurso colonial embasa uma série de diferenças e discriminações através de práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural, e que o discurso colonial produz o colonizado, tendo como maior objetivo apresentar o colonizado como um povo degenerado com base na origem racial de sua constituição. Procurou-se evidenciar nos textos machadianos as práticas que confirmavam ou negavam esse discurso, analisando o comprometimento do escritor diante do mesmo.

O sujeito do discurso colonial deve desejar uma originalidade que é constantemente ameaçada pelas diferenças de raça, cor e cultura (influências das hipóteses sugeridas pelo darwinismo e positivismo). De acordo com Fanon (1983), a recusa da diferença racial acabou transformando o sujeito colonial do século XIX em um desajustado, uma mímica grotesca ou uma duplicação que ameaçava dividir a alma e a pele não diferenciada. Esse sujeito que sofre na “pele” essa forma fixa de representação, ao negar o jogo da diferença, constitui um problema para a sua representação como indivíduo nas significações de relações psíquicas e sociais. A representação do eu se dava através da presença do outro. O sujeito se reconhecia através de uma imagem altamente alienante.

Em seu conto *O espelho*, Machado questiona o efeito que o olhar do outro tem na produção de subjetividade do indivíduo. Apesar de não ter direcionado a questão diretamente para relação racial, verificamos a conscientização do escritor quanto à sabedoria exercida pela sociedade burguesa na formação do sujeito. No conto, a personagem Jacobina ascende socialmente sendo nomeado alferes da guarda nacional. Mas só consegue ser visto como alferes quando fardado, sem a farda de alferes perde a sua auto-imagem, não se constitui como pessoa fora dela. A farda representa o símbolo e a matéria do status, na sociedade de Jacobina ter status era existir no mundo em estado sólido. A divisão da alma é representada pelo ponto através do registro de uma alma interior e de uma outra alma exterior:

“(…) Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas…”.

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que



olha de fora para dentro... (...). A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma da pessoa (...)" (Assis, Obra completa, Vol. II, p.64).

Podemos identificar que o sentido de “alma exterior” diz do que é interiorizado, refletindo o aparente paradoxo de *O espelho*, no qual assistimos à formação da auto-imagem e da auto-consciência de Jacobina não de dentro para fora, mas como ele mesmo diz, “de fora para dentro”, a partir dos outros. Assim, o narrador afirma uma teoria da alma que se baseia na condição de que a consciência de cada homem vem de fora, mas este “fora” oscila diante da presença física dos outros. O conto mostra o olhar dos outros como o primeiro espelho. A imagem de si tal qual a vê o olho do outro. As pessoas não são vistas pelo que são, mas pelo que os outros enxergam nela. A alma exterior sobrepõe-se à interior. O olhar do outro elimina o sujeito.

Através desse conto-teoria machadiano que retrata a diluição do sujeito pelo olhar do outro, podemos instaurar um diálogo com Homi Bhabha (1998), no qual afirma que o negro se afasta de si próprio, de sua raça, em sua “total” identificação com a positividade da branquidão. No entanto, diz que “esse posicionamento é em si problemático, pois o sujeito encontra-se ou se reconhece através de uma imagem que é altamente alienante”.

Machado evidencia e questiona a instabilidade interior do homem do século XIX, talvez numa tentativa de justificar suas próprias contradições enquanto sujeito mulato e pobre, que ascende socialmente numa sociedade altamente grotesca. O que visibilizamos nesse estudo, é a presença de um escritor que não escamoteia a condição desumana com que o sistema se reproduz, nem os sofrimentos que esse sistema causa nos subalternos.

Esta preocupação do escritor em refletir sobre as opressões causadas pelo sistema está marcada no conto *O espelho*, quando demonstra estar atento para a teoria do papel social como agente formador da consciência do indivíduo. Verificamos a tentativa do escritor em mostrar que não havia para a alma interna outra saída senão a integração a qualquer custo no sistema dominante, no qual a simples mudança de classe implicaria no brutal aprendizado em torno das aparências, na qual a alma externa deveria ser vestida para sempre.



O escritor consegue conduzir a narrativa de tal forma que venha a refletir-se num ato de sobrevivência, pois a entrega da vida interior ao estado civil mostrava que era impossível viver fora das determinações sociais. Assim, Machado exprime o reconhecimento da soberania exercida pela organização social burguesa, e apenas insiste, novamente, na necessidade da máscara.

Máscaras muitas vezes utilizadas pelo escritor como instrumento de sobrevivência num século em que a diferença era marcada na pele, juntamente com os signos e símbolos que a presença da cor negra trazia para o sujeito (associação do sujeito negro à determinação de inferioridade intelectual, de pobreza, da maldade, do pecado...), e o outro lugar, o do olhar produtor de todas essas diferenças, que apontava sempre negativamente o olhar do outro. Na mira desse olhar, o tiro certo, entre “a divisão da alma e da pele não diferenciada”.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol.II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1987.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila et alii. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- FANON, Frantz. *Pele negra. Máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.
- WERNEK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- JUNIOR, José Almeida. *O homem que odiava Machado de Assis*. São Paulo: Faro editorial, 2019.
- Campanha “Machado de Assis Real”- Faculdade Zumbi dos Palmares. Disponível em: <http://www.zumbidospalmares.edu.br/campanha-machado-de-assis-real/> Acesso em: 31 ago. 2020.